



Os incitadores do ódio e do crime

Os jornais monárquicos apareceram ontem zebados de negro e com prosa inflamatória contra o regicídio. Nada temos a obtemperar à sua indignação, mas não deixaremos de fixar nalguns comentários divergentes as razões invocadas pelo seu sentimentalismo político, que se manifesta sempre no mesmo dia do calendário.

Por um pouco, o regicídio surgiu como um fruto das escolas "sem Deus nem religião", escolas que vieram após o cinco de Outubro, dois anos depois da tragédia do Terreiro do Paço. Nos meios monárquicos — segundo expele os jornais que lhes são afectos — os reis foram vítimas da propaganda das ideias dos homens que fizeram a Revolução francesa, propaganda geradora de frutos de crime e de morte.

Os monárquicos fogem quanto podem em pôr o dedo na ferida, em aludir às causas do acontecimento que ontem comemoraram, rezando, vestidinhos de preto, durante uma hora, na mais chic das três igrejas do Chiado. E' que êsses centos de monárquicos enlutados durante vinte e quatro horas — a maioria dos correligionários não apareceu porque vive na secreta esperança de fornecer mais alguns ministros à república — ainda reincidem no erro que tão caro lhes custou.

Que grande reviravolta se operou nos seus espíritos. Já não se recordam de terem acusado João Franco de ter sido o coveiro dos reis e da monarquia; esqueceram totalmente aquela frase dramática e acusadora da rainha D. Amélia para o ditador, apontando-lhe os cadáveres do marido e do filho: "Foste tu quem os matou" — absolvendo assim, sem o pensar e sem o saber, os dois homens que ela viria no Terreiro do Paço dispararem as armas e exprimindo a mesma opinião de todos quantos a rodeavam — opinião que foi de norte a sul geralmente compartilhada. Foi essa convicção, que dominou todos os servidores da monarquia, quem deitou abaiixo a ditadura, forçando o ditador, abandonado como se fôra um leproso cujo contacto se teme e amaldiçoado como um inimigo implacável, a esconder-se nas suas propriedades da Beira, donde só saiu após a república.

Os próprios jornais monárquicos da época fizeram contra o rei D. Carlos uma campanha pessoal, violentíssima e muitos dos políticos azuis e brancos insinuavam que se o rei

não liquidava João Franco este liquidaria o rei. Para dar bem a ideia do ódio que esse rei conciou contra si por causa da ditadura não deixa de ser oportuno recordar o comentário dum monárquico — José Maria de Alpoim — no seu refúgio de Salamanca quando recebeu a notícia: "lá baqueou aquele canalha". O canalha era o próprio rei e este comentário saiu dum monárquico tão correcto nos seus deveres de cortezia que se apressou em ir ao telegógrafo a enviar os pesames à viúva, sua rainha!

Como se não fosse um ensinamento da história que todas as tiranias acabam numa poça de sangue ou numa poça de lama; como se a tradição várias vezes repetida de Júlio César não tivesse a tingi-la de sangue o punhal, várias vezes erguido, de Marcus Brutus — os monárquicos continuam fazendo a apologia do mais desenfreado despotismo, continuam incitando ao crime, semeando o ódio numa sociedade cansada de violências sistemáticas e arbitrárias, sociedade que é composta também por um povo que o Correio da Manhã de ontem afirmava cioso da sua independência, que o mesmo quer dizer da sua liberdade.

O Correio da Manhã esqueceu-se também, e como é todos os seus correligionários, de que dias após o atentado os retratos dos regicidas apareciam à venda em grande número de estabelecimentos; esqueceu-se também daquele artigo do Times em que se referia esta grande verdade: os regicidas eram populares. E bem sabe o jornal monárquico, que nunca insultou a monárquica Carlota Corday que apunhalou Marat, que o povo português não é um povo de assassinos.

* * *

E' preciso fazer cessar definitivamente a sugestão perfida exercida por estes apologistas do crime, que já têm as mãos tintas do sangue ocasionado pelas suas epilepsias ditatoriais. Incitaram Pimenta de Castro a vestir a farda e o quatorze de maio fez espaldar muito sangue; incitaram Sinônio Pais às piores violências e este tombou mortalmente ferido na estação do Rossio.

Só há uma maneira de o conseguir: opõr pertinazmente às apologias da tirania a ideia de liberdade, que é imorredoir a no coração do povo e que constitui uma das suas mais fervorosas aspirações.

não lavaram o rôsto coberto de tanta lama e de tanto sangue. A maior parte da colectividade mente, — vive de mentira! E geralmente onde ela mais se manifesta é entre aqueles que se afirmam intelectuais. Só assim se comprehende que uma minoria de homens, pervertidos pela Mentira, possam ignobilmente dominar a maioria, menos culta e por isso mesmo mentirosa, em detrimento dos belos princípios da Verdade, há séculos perseguida por uma coorte de letreados e de libertinos, que ainda não desapareceram de todo e só desaparecerão quando a ignorância popular lhes conhecer todas as suas manhas e depois de, ter chegado a hora de as "élites" encaminhadoras do Progresso poderem pôr cômodo a tamanha exposição de cinismo e hipocrisia, trabalho este que será concluído pelos apóstolos da Verdade, que não recarrear impor a todos êsses ilustres cavalheiros uma mudança nos seus processos de viver e muito menos lhes estará a elas — idealistas propagandistas dum nova sociedade — em caso de recusa, convencê-los a aceitar o novo meio que se criar, donde deve infelizmente resultar uma nova mentalidade, longa da fúria e do contacto sinistro dos corvos da Mentira.

O político-burguês, quando diz nos seus escritos e discursos ser também um amigo dos que trabalham, mente, porque já não, isso se deu e por ainda ser impossível um homem que vive alheio as lutas proletárias desejar-lhes o bem, enquanto ele se emprenhar na defesa dos privilégios sempre envilecidos da Burguesia.

Mente o homem casado quando promete casamento à mulher passando por solteiro.

Mente à mulher, quando diz amar o homem com quem vive tendo outros amantes. O militar mente ao evocar o nome de Pátria, quando por ela nunca se sacrificou. De igual modo todos aqueles que durante as guerras fazem fabulosas fortunas, fornecendo aos exércitos produtos pôdras e avariados, têm da Pátria a noção vaga das coisas desprezíveis.

Mente o historiador ao revelar um acontecimento com a sua habitual parcialidade; comprehende-se esta entidade útil à vida das sociedades, mas actualmente da maneira como os jornais e os livros se fazem, quase que nos atrevemos a dispensá-los, visto a subsistência neles confiada ser a maior das mentiras e o mais afrontoso dos ultrajes lançados em rosto dum Humanidade que prefere ser mais justa nas suas razões e mais leal na pugna das suas ideias;

Enquanto a máquina política e administrativa for pertença dum grupo de indivíduos de moral sordida, a mentira já não deixará deolar através dos lodosos caminhos, pelos quais se atascam os mentirosos de profissão, que são o maior número e vêm-lhos a toda a hora, numa azafrana que enfia, percorrer as ruas e subir as escadas dos sumptuosos prédios, de pastas volumosas por entre os braços, dando-se ares de sábias criaturas, que nasceram com mais direito que os outros (?), êsses outros que só vivem para ser escravos da Verdade e que para arrastar uma existência digna não necessitam de ornamentos, que só servem para servir de espelho àqueles que ainda

Manuel RAMOS

Aos assinantes

— DE —

A BATALHA

Muitos dos nossos assinantes têm mostrado o desejo de que procedemos, mensalmente, à cobrança das suas assinaturas e outros prontificam-se a enviar a respectiva importância directamente à administração, devido às dificuldades que têm para proceder ao pagamento dos recibos por habitarem em sítios onde isso se lhes torna dispendioso. Como vamos proceder à cobrança do mês que findou, chamamos a atenção dos nossos assinantes nas circunstâncias referidas e aguardamos que, todos, façam, prontamente, o pagamento das suas assinaturas por intermédio do recibo de cobrança ou enviando a respectiva importância pela forma que se lhes torne mais viável.

A ADMINISTRAÇÃO

O TIPO ÚNICO DE PÃO

Foi posto à venda para se voltar ao regime anterior e fazer-se novo aumento de preço

afirma-o à "Batalha" um manipulador de pão

Volta a agitar-se a questão do pão.

Comigo antecionei a vigorar entre nós o tipo único. Cumpria-nos procurar alguém que, pela sua situação, pudesse informar os nossos leitores das vantagens ou prejuízos que esse regime nos traz. Assim avistámos-nos com um dos nossos estudiosos elementos componentes da classe dos manipuladores de pão, que acedeu amavelmente a elucidar-nos.

A nossa primeira pregunta, se o tipo

imediatamente decretado e posto em prática convinha ou não à população, respondeu-nos:

— Se o decreto que começou a vigorar antecente fosse cumprido rigorosamente, o consumidor só tinha a lucraria, tanto sob o ponto de vista alimentar como material.

— Como assim?

— Eu digo. As classes, pobres, as que consumiam pão de segunda qualidade, passavam, no regime actual, a ter pão de muito melhor qualidade que aquele, aumentando apenas de 20 centavos em cada quilo. As restantes classes, que consumiam o pão fino, conseguiram com o tipo único, mais barato, um pão com muitas mais qualidades alimentícias. Já veu que todos lucravam.

— Mas...

— ... mas o decreto não é cumprido rigorosamente, pelo que o consumidor está mal servido. Vou agora expor-lhe as razões desta minha afirmação.

Uma porta falsa, para a moagem continuar a roubar-nos

Em primeiro lugar, as fábricas de moagem podem, desde que se munam de uma autorização especial passada pelo ministério da Agricultura, fabricar farinha fina, para massas e bolachas. Ora esta pequena coisa, que parecerá a muita gente uma coisa sem importância, pode dar origem a grandes fraudes pola a moagem, aproveitando-se dessa autorização, extraí a farinha destinada ao pão, por meio de peneiras, uma grande parte do trigo, que destina a farinhas finas, deixando para o fabrico de pão, uma farinha de inferior qualidade.

— Outro motivo da má qualidade do pão do tipo único é a sua má manipulação.

Lamos a interromper o nosso amável interlocutor, mas é, adivinhando-nos o pensamento, não deixou que formulássemos a pregunta e disse-nos:

— Não vá supor que aquela minha afirmação envolve de qualquer maneira a dignidade dos manipuladores de pão. Nada disso. A má manipulação não é da responsabilidade dos operários, mas sim dos industriais, que exigem de cada operário um trabalho superior ás suas forças, obrigan-do com isso a produzir pior.

— Ainda outro motivo que origina o pésimo aspecto do pão actual, em algumas casas: Há várias padarias independentes que tinham grandes stocks de farinha de segunda que não hesitam em a misturar agora com a farinha de tipo único.

— É ne que respeita ao pão pequeno?

— Isso é um roubo descarado, autorizado pela própria lei. Estabelece o decreto que pode fabricar-se pão de formato pequeno, até 150 gramas, para ser vendido sem ser pesado. Como se vende cada um desses pães, tipo carcassa, a \$45, sucede que cada quilo desse pão sai ao consumidor a \$300, e pode até vender-se mais caro, pois o industrial, querendo, pode mandá-lo fabricar com o peso que entenda, não lhe acarretando esse gesto a mínima responsabilidade.

— E ne que respeita ao pão pequeno?

— Isso é um roubo descarado, autorizado pela própria lei. Estabelece o decreto que pode fabricar-se pão de formato pequeno,

que sejam de 150 gramas, para ser vendido sem ser pesado. Como se vende cada um desses pães, tipo carcassa, a \$45, sucede que cada quilo desse pão sai ao consumidor a \$300, e pode até vender-se mais caro, pois o industrial, querendo, pode mandá-lo fabricar com o peso que entenda, não lhe acarretando esse gesto a mínima responsabilidade.

— E —

— ... mas esse decreto, o que prova que os

especuladores prosseguem, vitoriosos,

roubando a população, provando-se também que os exploradores continuam com licença para esfumar aqueles a quem têm vindo roubando, impunemente, há largos meses.

— Pois só agora se deitou mão

desse recurso, o que prova que os

especuladores prosseguem, vitoriosos,

roubando a população, provando-se

também que os exploradores

continuam com licença para esfumar aqueles a quem têm vindo roubando, impunemente, há largos meses.

— Pois só agora se deitou mão

desse recurso, o que prova que os

especuladores prosseguem, vitoriosos,

roubando a população, provando-se

também que os exploradores

continuam com licença para esfumar aqueles a quem têm vindo roubando, impunemente, há largos meses.

— Pois só agora se deitou mão

desse recurso, o que prova que os

especuladores prosseguem, vitoriosos,

roubando a população, provando-se

também que os exploradores

continuam com licença para esfumar aqueles a quem têm vindo roubando, impunemente, há largos meses.

— Pois só agora se deitou mão

desse recurso, o que prova que os

especuladores prosseguem, vitoriosos,

roubando a população, provando-se

também que os exploradores

continuam com licença para esfumar aqueles a quem têm vindo roubando, impunemente, há largos meses.

— Pois só agora se deitou mão

desse recurso, o que prova que os

especuladores prosseguem, vitoriosos,

roubando a população, provando-se

também que os exploradores

continuam com licença para esfumar aqueles a quem têm vindo roubando, impunemente, há largos meses.

— Pois só agora se deitou mão

desse recurso, o que prova que os

especuladores prosseguem, vitoriosos,

roubando a população, provando-se

também que os exploradores

continuam com licença para esfumar aqueles a quem têm vindo roubando, impunemente, há largos meses.

— Pois só agora se deitou mão

desse recurso, o que prova que os

especuladores prosseguem, vitoriosos,

roubando a população, provando-se

também que os exploradores

continuam com licença para esfumar aqueles a quem têm vindo roubando, impunemente, há largos meses.

— Pois só agora se deitou mão

desse recurso, o que prova que os

especuladores prosseguem, vitoriosos,

roubando a população, provando-se

Vários aspectos da emigração que revelam claramente a miséria que se sofre neste país

PORTO, 2.—Quando, um dia destes, nós fomos à estação de São Bento antes da partida do rápido da tarde, desoladoramente verificámos que entre os atarefados e afadigados passageiros que vinham no directo do Douro, que acabava de chegar com o silvo agudo do seu estridente apito, se notava mal uma onda de emigrantes com os seus grandes talões as costas! E nós, dominados por um cõr pungente que nos dlaceava a alma, puze-nos a escrutar no impenitente verbalismo jornalístico de que a imprensa, através três dúzias de anos, se tem leito eço acerca do interminável exodo...

E pelo cérebro convulsionado nas mais febris recordações, passou-nos um formidável trecho de ilusão clara... que António Claro, Augusto Manuel Alves da Veiga e Bazílio Teles escreveram, de Madrid, em 12 de abril de 1891 e em nome dos emigrados da primeira revolução republicana portuguesa que acaba de se comemorar, a propósito dos «verdadeiros exercícios de emigrantes» que começaram a seguir, por vários paquetes, para a direcção ao Brasil...

Já há 36 anos, os emigrados de 1891, outros tantos emigrantes por vias diferentes, diziam no seu célebre manifesto que repousa no arquivo documentário da postidade histórica:

«O Elba levou 300; quinze dias depois, o Tagus transportou 400; e esta tremenda despojamento vai prosseguindo sem cessar.

Não se trata de adultos ambiciosos de fortunas, rapidamente adquiridas. Numa fúria frenética, abandonam o solo português, como o esterelizado humus que castigou a maldição divina, as famílias, integras na sua homogeneidade. Vão mulheres, vao crianças do peito, vão anciãos no termo da existência. As aldeias quedam desertas, os casais de portas francas, para que a turza e o mato, vindorões, os amortalhem.

«Ao repórter de um periódico oficializou um velho de oitenta anos, apontando para a andrajosa meninice que o cerca: «Aqui vamos todos; meus filhos, meus netos. Tudo vendemos em que pudéssemos apurar algum dinheiro. Fica a casa, com a chave na fechadura. O governo que a vende, se quiser!»

Devemos convir que ainda hoje esse tremendo quadro de despojamento, de abalada emocionante, ainda subsiste — não nas negras cores de outrora, porque no momento presente elas estão mais terrificamente agravadas...

Naquele avalanche que se desprendeu do alto Douro, e talvez do alto Minho, até à gare húmida de São Bento — como húmidos vinham os olhos dos desgarrados — lá se viam mescadas as tais mulheres com as crianças de peito, os novos com os anciãos no termo da existência — os filhos, os netos, depois de deixarem a chave na fechadura da casa deserta...

As mesmas causas e os mesmos vícios que originavam, no tempo da monarquia dos Barjas, dos Hintzes e dos reinantes clientes do Pool, a sinistra debacela económica do esguichoimento citadino e rural — os mesmos, com mais umas doses de agravamento agravadora, que persistem na República com 10 anos de existência intermitente...

E para triste destino da história republicana-governamental-afonisia, após dois anos e pouco de vigente regime verde-ruivo, os altos poderes do Estado deram-lhe para galgar, de forma contundentemente positiva, por esta *paraphrase* ao documento abriliista supramencionado: «Obri-gados a pôrem os olhos neste espetáculo trágico, a sua opinião conservadora acabou por inquietar-se. Tocou-se a capitulo; clamou-se a mestrança; convocaram-se os doutos, para que aconselhassem remédios eficazes ao mal que ameaçadoramente se alastrava; e tal foi a instrução derramada pelas classes reputadas cultas, que nas associações comerciais das importantes cidades portuguesas se formulou o conspicio alvitre de que se passasse a captar cada emigrante uns tantos escudos de multa... e em tanto tempo de cadeia.

E esta foi a solução lucilante que os teóricos da propaganda republicana encontraram nos céus refugiados da governação democrática, para a eficiênciam remoção dos perigos da crise agrária, da crise económica das cidades — da espantosa emigração dos que são forçados a abandonar a «querida pátria»...

Hoje, com mais 13 anos a pesar na idade acidentada da República a bracos com inúmeras enfermidades, encontramo-nos na mesma situação de debilitação mental. Não houve duches capazes de robustecerem as células raciocinantes dos mestres, dos doutos, das classes reputadas cultas. E as mesmas associações comerciais e industriais, e os mesmos sindicatos agrícolas, continuam a bater na mesa anatómica dos remedios com o mesmo ceteulo operador das represões contra os emigrantes: fecharem os portos do Oceano Atlântico e as portas da fronteira *mira* espanhola. E para os que tentarem violar esta decisão, multa e cadeia. Eis o problema resolvido...

Tudo isto para quê? Para que os ricos agricultores possam, só no verão, quando aperta o maior serviço dos campos, escoller à vontade «aqueles bracos que, por efeitos de concorrência, se lhes entreguem o mais barato possível» — e, chegada a quinta das hibernosas mutações da Natureza, reduz-los às mais insignificantes proporções de efectividade; lançando-os outra vez para o triste ostracismo do desemprego, da miséria... do frio e das chuvas...

Para que aqueles que foram suprimidos, pela mecânica a vapor ou electrificada, nos seus mestres de serraço rotineira que exerciam nos montes, nos pinheirais, nas devezas, nos bosques — continuem a andar por ai fora sem terem onde empregar a sua actividade grangeadora do seu pão cotidiano do alimento físico, já que o espiritu... é coisa de luxo na nossa terra...

Para que se chegue à desesperante situação, ao allitivo estado de, por meio de anúncios, como há pouco se deu aqui no Porto, haver quem ofereça \$800\$000 escudos a depositar na mão do primeiro patrão que o empregou como criado interno de casa comercial ou como guarda, ou ainda como caixeiro de mercearia, padaria ou taberna...

Para, na impossibilidade de se conseguir colocação por mais humilde que ela seja, incorrermos na degradação estupenda de termos de registar o nome na paróquia a que pertencermos, a fim de nos passarem um cartão de... pedinte profissional, sim, o que não poderemos estender a mão à caride...

Esta condição aviltante, que dizem ser provisória, é invenção dos nossos filantropistas portugueses chefiados pelo sr. Nunes de Ponte...

Embora um jornal conservador desta cidade nos diga: «A causa fundamental e principal da emigração é de natureza eco-

A BATALHA na província e arredores

Vendas Novas

O estado das estradas

VENDAS NOVAS, 1.—E' simplesmente vergonhoso o estado em que se encontram as estradas que circundam esta vila.

A estrada nacional para a fronteira que, passa pelo centro desta povoação, no caminho do cemitério, encontra-se de tal forma, pelo lado da saída para Montemor, que a condução dos cadávares tem que ser feita em carros puxados a animais, porque as carroças funerárias não se podem conduzir.

Nem para se passar depois de morto a estrada serve...

Imúmeras têm sido as reclamações que a junta desta freguesia tem dirigido às autoridades competentes, mas estas até a data ainda não se decidiram olhar para este vergonhoso caos.

Falta de iluminação

Torna-se penoso o trânsito de noite pelas pantanosas ruas desta vila, devido à falta de iluminação pública, consta-nos que esta falta é pelo facto da Câmara de Montemor não querer fornecer o petróleo. À junta desta freguesia, como represália contra a pretensão desta freguesia e outras circunvizinhas quererem aqui formar um novo concelho. Se assim é, admira-nos bastante que Montemor, não se tenha também resistido a receber as importâncias provenientes de impostos e contribuições que as distas freguesias ali têm continuado a levar.

Cascais

Cinema da Praia

CASCAIS, 1.—Continua a empresa deste cinema, a apresentar «filmes» muito esfarrubados, anuncianto-se para hoje uma sessão cheia de atractivos, atendendo à forma como o programa foi coordenado.

Tipo único de pão

Começou hoje a vigorar o novo tipo de pão nesta vila. E' deveras intragável. Não nos anima a ideia de dizer mal por prazer, posto que concordamos absolutamente com o tipo único. Tal qual hoje se apresenta, é que não. E' bastante negro e mal cheiroso, não sabendo nem se em Lisboa será igual.

Nada nos surprende, que isto só em Cascais suceda, porque aqui o comércio, faz o que quer, e ninguém pensa em reprimir tais abusos. Os padereiros desta localidade, muito se têm salientado, sendo vulgar fabricarem um pão, que bastantes provavelmente originaram.

Não deve o povo tolerar tais crimes, pois a continuarem a fabricar o pão como hoje, torna-se um perigo para a saúde de todos que o comam.

Um以致 nos cumpre fazer aos manipuladores de pão desta localidade: «Lembram-vos que também sois trabalhadores, e por sinal bastante explorados. Recusai-vos a colaborar nas mixórdias que os vossos patrões preparam, quem sabe se servirão até, para envenenar os vossos próprios filhos.»

Portimão

UM tartufo que especula com a miséria dum seu companheiro de trabalho

PORTRIMÃO, 29.—Há nesta localidade, um «ex-camaradinhos» que se chama Domingos Leonor da Silva, pedreiro, que traz consigo um operário pedreiro, ganhando o irrisório salário de 15\$000 que mal dá para enganar o estômago. Este operário entrega ao sr. Domingos ao fim de cada semana, a quantia de 6\$00. Como se comprehende isto?

Então este tartufo já se esqueceu de quando era sócio deste Sindicato, e de quando não tinha trabalho, várias ocasiões teve de protestar contra a exploração infame de que alguns operários eram vítimas por parte dos empregadores e dos patrões? Já se esqueceu das suas lamentações quando dava notícia dos que trabalhavam ao domingo, e que não repartiam o trabalho com os que o não tinham? E o que tem feito? Muito pior de que todos aqueles a quem chamava *amarelos*, pois que todos os domingos trabalha.

Calculem os leitores o quilate do sr. Domingos, que quando lhe perguntam porque motivo deixou de ser sindicato, tem o arrojo de dizer que o não é porque tem uma morada de casas. Então isso será motivo para descer até explorar os seus companheiros? Enfim já não se lembra de quando dava a casa nada valia, pois que só queria que todos fossem sindicados para conquistarem aquilo a que têm direito?

Pois sr. Domingos, daqui a oito dias, a que arreipé caminho no seu proceder, que é baixo, porque isso não é próprio de quem tem quanto afirma.

Alí fala a declaração de Alberto Ferreira, que é aceita nestas colunas pela simples razão do referido presto se nos queixar de que os jornais que o atacaram se recusam a publicar a sua defesa.

Colhido por uma carroça

No posto da Cruz Vermelha do Calvário foi pensado e seguir depois para casa, Mamede Martins, de 49 anos, natural de Setúbal, carroceiro, residente na rua Maria Pia, M. L., que, em Alcântara, foi colhido pela carroça de que era condutor, ficando ferido na perna direita.

Várias autópsias

No Instituto de Medicina Legal realizaram-se ontem as autópsias nos cadáveres de José Dias que, como noticiámos, caiu num cocheira em Campolide, onde residia; de António Vieira da Almeida que, há dias, foi colhido pelo comboio em Chelas; e de Artur Luis Mateus, residente na vila Milagres, que foi colhido pelo comboio Entre Campos.

Os seus funerais realizam-se hoje, pelas 16 horas, para o cemitério do Lumiar.

ARQUIVANDO

Declarações do ministro da Justiça sobre a lei do inquilinato

As modificações que vai sofrer a lei do inquilinato continuam a ser motivo de grandes apreensões. Não se sabe qual o critério do ministro da Justiça em relação ao magno problema.

Um jornal da manhã publicava ontem algumas declarações do dr. Manuel Rodrigues Júnior que convém arquivar. Eis-las:

— Tenho, efectivamente, entre mãos o inquilinato — disse aquele ministro, — mas não para lhe introduzir modificações que a alterem na sua essência. O meu trabalho, lento e reflectido, visa quasi exclusivamente a codificar num único diploma toda a legislação em vigor sobre a matéria.

— Alterações fundamentais?

— Não há nada resolvido a tal respeito.

O sr. ministro da Justiça aproveitou a ocasião para nos dizer que está preparando um diploma sobre assistência judiciária.

— A festa de Fernandes Fão

A festa de homenagem ao maestro Fernandes Fão deve efectuar-se no Gimnásio

na tarde de domingo 14, com um programa repleto de atractivos. Aqui fica desde já o aviso para os amadores de audácias musicais de verdadeira sensação.

MUSICA

O festival Wagneriano

O maestro Fernandes Fão escolheu para o 12º Concerto da Orquestra Sinfónica Portuguesa que se realiza domingo no Gimnásio um programa verdadeiramente admirável que inclui famosas composições do portentoso maestro Ricardo Wagner. Esse programa dá-lhe-nos em breve aos nossos leitores, podendo desde já afirmar que ele deve causar a maior sensação entre quantos se interessam pelos assuntos musicais. Para este «Grandioso Festival Wagneriano» já estão à venda os bilhetes, no Gimnásio.

— A festa de Fernandes Fão

A festa de homenagem ao maestro Fernandes Fão deve efectuar-se no Gimnásio

na tarde de domingo 14, com um programa repleto de atractivos. Aqui fica desde já o aviso para os amadores de audácias musicais de verdadeira sensação.

A BATALHA

NOTÍCIAS DE Benguela

As manobras da Associação Comercial

Vendas Novas

Que baha fome no continente, não importa. Que importa mesmo que a classe faz mintos de enredo com todos os imprevistos dos velhos melodramas, com a exquisita propriedade de assuntos rocambolecos, mais para produzir «risso», do que para excitar requintes de delicada sensibilidade. Poderá entreter, mas o que não consegue é emocionar, deter o espírito na mais ligeira cogitação.

Kistemaeckers é quase sempre assim. As suas peças confundem-se afinal com algumas do velho repertório esplafhoso, intenso de incidentes «pour épater», copioso de situações berrantes.

Sergine e Henri Rollan desenharam com grande inteligência os seus papéis com uma admirável verdade, detalhando e vivendo emotivamente as passagens mais salientes da peça.

TEATROS

No São Luís

La Passante

«La Passante» de Kistemaeckers já levada scena em Lisboa é uma obra de efeitos míticos de enredo com todos os imprevistos dos velhos melodramas, com a exquisita propriedade de assuntos rocambolecos, mais para produzir «risso», do que para excitar requintes de delicada sensibilidade. Poderá entreter, mas o que não consegue é emocionar, deter o espírito na mais ligeira cogitação.

Kistemaeckers é quase sempre assim. As suas peças confundem-se afinal com algumas do velho repertório esplafhoso, intenso de incidentes «pour épater», copioso de situações berrantes.

Sergine e Henri Rollan desenharam com grande inteligência os seus papéis com uma admirável verdade, detalhando e vivendo emotivamente as passagens mais salientes da peça.

Nogueira de BRITO

Teatro Nacional

Devido ao grande êxito que ainda está obtendo, no teatro Nacional, o original «Justiça...» de Ramada Curto, o artista-empresário Alves da Cunha conserva-o no cartaz, por mais alguns dias. No final desta semana deve estrear-se a comédia espanhola «La locura de Don Juan», de Arniches, adaptada à nossa cena com o título de «O maluco das Avenidas Novas», pelos conhecidos homens de teatro Lino Ferreira e Alvaro Santos.

Solita Sanaúja no Foz

Dentre as «estrelas» das variedades que em Espanha têm aparecido nas últimas temporadas, a triunfar pela sua arte e pela sua beleza, destaca-se a «cançonista» valenciana Solita Sanaúja. A sua estreia se realiza esta tarde no Foz, reveste por si uma excepcional interesse artístico.

«O olho da providência»

E, finalmente, esta noite que se efectua no Variedades em duas sessões, a anúncio da «reiße» de Xavier da Silva e João Bastos, o «Ó olho da providência» de Ricardo Keen, que inquiriu da admiralidade quanto de milho se importava para a exportação, logo pretende impor que se não permita a concorrência, com a qual todos lucram.

O Comércio, jornal local, defendeu os interesses do Comércio, da Indústria e da Agricultura, referindo-se à autorização concedida pelo ministro da Agricultura para a entrada de milho estrangeiro, a que em minha última carta me referi, expande a mesma opinião, isto é, adverte a concorrência, porque de agora em diante se importa a concorrência, porque faz hoje precisamente dez anos subiu à cena, pela segunda vez, também interpretada pela companhia Maria Matos-Mendoza de Carvalho, no antigo Gimnásio, tendo obtido um êxito formidável.

MARCO POSTAL

Évora. — Associação dos Pedreiros. — Recebemos vale de 95\$00. Pagaram a assinatura do corrente mês.

Coimbra. — Roberto das Neves. — Por ser muito interessante fizemos transferir para o Suplemento artigo de F. M. Informa-se recebido a encomenda.

Setúbal. — Radil Adão. — Não foi possível publicar vosso artigo como nos foi enviado.

CAMBIOS

Paises	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	95\$00	
Nádor cheque	331	
Paris, cheque	77,5	
Suica	378	
Bruxelas cheque	273	
New-York	10558	
Amsterdão	7584	
Itália, cheque	84,5	
Brasil	232	
Praga	38,5	
Suecia, cheque	524	
Austria, cheque	277	
Erlim,	465	

Espectáculos de hoje**TEATROS**

Teatro Nacional — A's 21,15. — Justicia! Teatro S. Luís — A's 21. — La Riposte. Teatro da Trindade — A's 21,15. — O sr. que se segue. Teatro do Gimnásio — A's 21. — O Caso do Dia. Teatro Politeama — A's 21. — Os Filhos. Teatro Apolo — A's 20,30 e 22,30 — Alouraria. Teatro Avenida — A's 21,30 — O Pé de Salsa. Teatro Variedades — A's 8,30 e 10,30 — O Inferno. Eden-Teatro — 20,30 e 22,30. — Sempre fixe. Coliseu dos Recreios — A's 21 — Companhia de Circo. Teatro São Foz — A's 21. — Variedades. Teatro Joaquim d'Almeida — A's 20 e 21 — Cinema e variedades.

CINEMAS

Tivoli — Todas as noites animatógrafo. Salão Olímpia — Todos os dias das 2,30 da tarde às 12,30 da noite. Sessões consecutivas de animatógrafo e concerto musical. — Rua dos Condes.

Jardim Zoológico. — Exposição de animais.

Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO CARMO, 98

TELEFONE N. 5353

Medicina, coração e pulmões — Dr. Armando Narro. — A's 6 horas. Cirurgia, operações — Dr. Bernardo Vilar — Igreja. — Kines. — Vias urinárias — Dr. Miguel Matheus — 10 horas. Fete e Sifilis — Dr. Correia Piqueiredo — 11 e 12 horas. Doenças nervosas, electroterapia — Dr. R. Loff — 10 horas. Doenças dos olhos — Dr. Mário de Matos — 2 horas. Garganta, nariz e ouvidos — Dr. Mário Oliveira — 12 horas. Estomago e intestinos — Dr. Mendes Belo — 31. Doenças das senhoras — Dr. Emílio Paiva — Jardim. Doenças das crianças — Dr. Filipe Manso — 12 horas. Traumatismo de diabetes — Dr. Ernesto Roma — 3 horas. Ectop. dentes — Dr. Armando Lima — 10 horas. Corpo e rádio — Dr. Cabral de Melo — 1 hora. X-10 — Dr. A. Saldanha — 4 horas. Angústias — Dr. Gabriel Braga — 4 horas.

A VENDA a II.ª SÉRIE de "Os Mistérios do Povo"

Interessante romance histórico profusamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até à revolução francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas \$0.10. A obra mais barata que no gênero se publica.

LA NOVELA SOCIAL LA LOCA VIDA

E' o título do n.º 10 da interessante coleção de novelas que se publicam em língua espanhola sob o título genérico de *Novela Social*, encontrando-se à venda na nossa administração ao preço de \$0.50. Pelo correio \$0.70.

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 43 desta novela intitulado *Martírio*, de Federico Montseny. Preço, \$50. — Pedidos à administração de A Batalha.

3-2-1927

OS MISTERIOS DO POVO

Humberto. — E o seu afilhado, o pequeno Rodin? O Jesuíta. — Ele tem crescido com a graça de Deus, e está actualmente em Roma, no seminário da nossa companhia.

O financeiro conduziu o reverendo padre Morlet até à porta do seu gabinete, depois tocou a campainha e disse ao criado que introduzisse imediatamente João Lebrenn.

Humberto. — E qual pode ser o motivo da viagem de meu sobrinho a Paris? Oxalá que me não traga más notícias de minha pobre irmã; as suas últimas cartas não me faziam prever nada de desagradável. Ah! cá está ele. (*Indo ao encontro de João Lebrenn e estendendo-lhe a mão*). Seja bem vindo, meu caro sobrinho! Em primeiro lugar sossegue o meu espírito com relação a minha irmã e minha sobrinha. Elas passam bem de saúde?

Lebrenn. — Carlota e a mãe gozam perfeita saúde, e encarregaram-me de o vir certificar disso, eu quis desempenhar-me dessa missão no mesmo dia da minha chegada. Nós vivemos felizes na tranquila cidade de Vannes, sempre ocupados com o nosso comércio de pâns.

Humberto. — De onde concluo que já se não ocupa de política, e disso o felicito, meu caro sobrinho. A República era uma quimera, como eu outrora dizia; ei-la quase morta hoje, e amanhã terá já exalado o último suspiro. O meu caro sobrinho chega exactamente a tempo de lhe assistir ao enterro. Oxalá ela não ressaca das suas cinzas!

Lebrenn. — A República é como o Lázaro do Evangelho; se a enterram, ela quebra logo a pedra do túmulo. Mas ponhamos de parte a política, que nunca nos havemos de entender esse respeito. Já se sabe que há de ser sempre assim. Estou encarregado por minha mulher, por minha sogra de lhe pedir notícias de meu sogro, seu colega no Conselho dos Anciãos, de quem não temos recebido notícias.

Humberto. — Meu cunhado é sempre o mesmo;

CONSELHO TÉCNICO DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como edificações, reparações, limpezas, construção de fornos em todos os gêneros, jazigos em todos os gêneros, fogões de sala, xadrez, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e marmores de todas as provéniências.

Telefone — 539 Trindade

Escritório:

Calçada do Combro, 38-II, 2.

NAO SOFRAM MAIS!



— Usem HERPETOL para as —

—) doenças da pele (—

Uma gota desse medicamento acalma e fazem por completo desaparecer a comichão. O HERPETOL é na realidade o primeiro medicamento descoberto para as doenças da pele, tais, como: ECZEMAS, MANCHAS, ERUPÇÕES, ESPINHAS, CROSTAS, ARDENCIAS NA PELE, etc. — É um medicamento que permanece após a aplicação, o podente ve com regos sistemas de restabelecimento. A CURA É CERTA, em muitos casos um só frasco é o suficiente para uma cura. Se sofre, compre sem demora esta especialidade que se serve nas principais farmácias.

DEPOSITOS:

LISBOA, R. DA PRATA, 237, I.

Menstruação

Aparece rapidamente seja qual for causa tomando o

FERREOL

Não prejudica a saúde. Caixa 15\$00. Envie-se pelo correio à cobrança.

FARMACIA CUNHA

R. da Escola Politécnica 16 e 18

LISBOA

ATENÇÃO!!!

Vendem-se directamente das fábricas ao público lanifícios, assim como fatos por medidas em bons estambres desde 200, 250 e 300\$00. Fatos feitos para homem em casimiras, em todas as medidas, desde 100, 120, 130 e 140\$00. Fatos feitos para rapaz desde 70\$00. Calças já feitas para homem em todas as medidas, desde 30, 35, 40 e 50\$00. Grande stock de casacos de senhora desde 80, 100, 120 e 140. Casa dos Lanifícios, Calçada do Combro, 72-74.

ISQUEIROS

Tubos, rodas, chaminés, fundos, molas e pedras, a preços resumidos.

Pedidos a:

FRANCISCO LATTA

LARGO DO CONDE BARÃO, 55

Tabacaria Kióscio

Preço 3\$00, pelo correio 3\$60.

3-2-1927

OS MISTERIOS DO POVO

Humberto. — Que triste existência aquela!

Humberto. — Meu cunhado é o homem mais covarde que há no mundo, mas é também o mais falador e o mais vaidoso dos advogados. A sua posição de representante do povo na Convención ou de deputado no Conselho dos Anciãos lisongeia-lhe o orgulho e fornece-lhe ensejo de dar largas à sua segunda oratória. Eis como e porque, cedendo à vaidade que o lança no meio dos acasos da vida política, tão tempestuosa nos nossos tempos, e à cobardia do seu caráter, que o faz andar todos os dias atormentado com o receio de receber o merecido prémio das suas contínuas apostas, esse miserável passa e passará sempre a vida num verdadeiro inferno, como dizem os católicos.

Um criado, anunciano. — O sr. Desmarais.

O advogado, apenas entrou no salão, escutou, tão surpreendido como contrariado pela inesperada presença do genro, e ficou por um momento mudo e inerte. O sr. Humberto disse-lhe em tom de desdenho sarcasmo:

— Então que é isso, meu cunhado? E' assim que recebe o seu genro após uma separação de tantos anos?...

Desmarais, recuperando o seu sangue-frio. — O sr. Lebrenn sabe que há um profundo abismo entre os homens honrados e os jacobinos de 93, setembristas, terroristas, comunistas e toda a casta de socialistas.

Lebrenn. — Há muito tempo que nos conhecemos, cidadão Desmarais. O senhor é o pai da minha querida mulher, a qual devo a felicidade da minha vida; e, sejam quais forem as suas palavras ou o seu modo de proceder para comigo, há certos limites que eu nunca ultrapassarei para consigo; o senhor não me inspira ódio nem cólera, mas uma profunda piedade, porque é infeliz.

Desmarais. — Que insolência! Semelhante palavra

jarrasta a miserável existência de apostasia em apostasia, sempre atormentado pelo medo da morte.

Lebrenn. — Que triste existência aquela!

Humberto. — Meu cunhado é o homem mais covarde que há no mundo, mas é também o mais falador e o mais vaidoso dos advogados. A sua posição de representante do povo na Convención ou de deputado no Conselho dos Anciãos lisongeia-lhe o orgulho e fornece-lhe ensejo de dar largas à sua segunda oratória. Eis como e porque, cedendo à vaidade que o lança no meio dos acasos da vida política, tão tempestuosa nos nossos tempos, e à cobardia do seu caráter, que o faz andar todos os dias atormentado com o receio de receber o merecido prémio das suas contínuas apostas, esse miserável passa e passará sempre a vida num verdadeiro inferno, como dizem os católicos.

Um criado, anunciano. — O sr. Desmarais.

O advogado, apenas entrou no salão, escutou, tão surpreendido como contrariado pela inesperada presença do genro, e ficou por um momento mudo e inerte. O sr. Humberto disse-lhe em tom de desdenho sarcasmo:

— Então que é isso, meu cunhado? E' assim que recebe o seu genro após uma separação de tantos anos?...

Desmarais, recuperando o seu sangue-frio. — O sr. Lebrenn sabe que há um profundo abismo entre os homens honrados e os jacobinos de 93, setembristas, terroristas, comunistas e toda a casta de socialistas.

Lebrenn. — Há muito tempo que nos conhecemos, cidadão Desmarais. O senhor é o pai da minha querida mulher, a qual devo a felicidade da minha vida; e, sejam quais forem as suas palavras ou o seu modo de proceder para comigo, há certos limites que eu nunca ultrapassarei para consigo; o senhor não me inspira ódio nem cólera, mas uma profunda piedade, porque é infeliz.

Desmarais. — Que insolência! Semelhante palavra

A BATALHA

DIARIO SINDICALISTA

ESTE SEGURO IMPÔE-SE A TODOS OS TRABALHADORES

Todo o operário ou trabalhador por 33 CENTAVOS POR DIA garante aos seus, em caso de morte, um capital de ESC. 5.000\$00 pago imediatamente. Se economizar 58 CENTAVOS POR DIA DURANTE 30 ANOS garante para a sua velhice uma pensão de reforma de ESC. 100\$00 MENSAIS pagos enquanto for vivo.

Operários, trabalhadores, sede previdentes para com as vossas famílias e para com vós mesmos, segurando-vos em

A MUNDIAL

Companhia de Seguros



Sede — Rua Garrett, 95

LISBOA

IMPORTANTE:

Mediante um leveiro sobre-prêmio, a MUNDIAL pôr-vos-há as abrigos de

DOENÇA E INVALIDEZ

As primeiras consequências da guerra... Ensinamentos psicológicos da guerra europeia... Leis psicológicas da evolução das Povos (enc.)... Guyau... Ensaio dum moral sem obrigação nem sanção... Educação e Hereditariade... Hamon... A conferência da paz e a sua obra... As lições da guerra mundial... O movimento operário da Grã-Bretanha... Psicologia do socialista-anarquista... A crise do Socialismo... A psicologia do militar profissional... Henrique Leone... O Sindicato... Heliodoro Salgado... O culto da Imaculada... Jean Grave... A sociedade Futura... O individuo e a sociedade... Joseph J. Ettor... Unionismo industrial... Julio Guesde... A lei dos salários... Justus Ebert... Os L. W. W. na teoria e na prática... Krapotkin... Anarquia, sua filosofia e seu ideal... A Grande Revolução (2 vol)... A moral anarquista... Os bastidores da Guerra... O Estado e o seu papel histórico... Lazare... A Liberdade... M. Lénine... Os problemas do poder dos Soviéticos... O Estado e a Revolução... Landauer... A Social Democracia na Alemanha... Manuel Ribeiro... Na linha de fogo... Marx... O Capital... Melchior Incheri... Monarquia Jesuítica... Nietzsche... Anti-Cristo... Genealogia da moral... Neno Vasco... O Trabalhador Rural... — Geor... Tomás da Fonseca... Sermões da Montanha... Concepcion Anarquista do Sindicato... A greve dos inquilinos... Novicow... A emancipação da mulher... Pataut e Pouget... Como faremos a revolu

A BATALHA

A lei escrita não tem a sua origem na Justiça
nem a Justiça é o produto da lei.—Sparding.



ACTUALIDADE NO ESTRANGEIRO

O fracasso da "lei seca" na Noruega

Como manobra a diplomacia inglesa na China — Um entendimento internacional contra a Rússia soviética

Um relatório publicado na Noruega demonstra a improfição das medidas proibitivas. Como se noticiou, em tempos, o parlamento norueguês revogou a lei que não permitia o uso e venda de bebidas alcoólicas. O motivo dessa decisão transparece claramente no relatório que, agora se tornou público.

Nesse documento se refere, por exemplo, que o ano de 1923 foi caracterizado por um novo aumento de ofensas cometidas sob a influência da bebida e por uma atitude constantemente mais audaciosa por parte dos contrabandistas.

Considerando o país unilateralmente, um formidável número de casos de embriaguez (48.952) foi constatado, do qual 44.439 nas cidades e 22.504 só em Oslo, e, por contrabando pouco menos de 3 ou 4.000.000 litros de bebidas espirituosas entraram no país, a parte predominante sua forma de espírito contendo 96% de álcool. Durante o ano, 197.000 litros de bebidas espirituosas foram confiscados pelas autoridades, enquanto uma quantidade semelhante foi arrestada pela polícia; quase todos os peritos concordam que a quantidade confiscada não representa mais do que 10 a 15% da quantidade total que os contrabandistas tentaram introduzir no país, levando assim a importação ilegal ao total acima indicado.

Como no caso da Finlândia, o contrabando tem-se tornado agora tão extensivo, que fornece o país com uma quantidade de bebidas espirituosas igual à que se consome antes da introdução da proibição. As autoridades alfandegárias nos seus esforços para guardar a costa foram obrigadas a fazer uma aliança com a Armada Real, e são obrigadas a perseguir os contrabandistas numa forma mais do que guerra, o que também tem custado vidas humanas.

Numa escaramuça em Cristianiafjord numa noite do mês de Abril último foram mortos a tiro pelos cruzadores da alfândega 2 contrabandistas.

Muito característico é o que se diz em geral na Noruega, que sob o antigo sistema com a venda legal os consumidores tinham de procurar as bebidas espirituosas num número muito limitado de estabelecimentos, enquanto agora as bebidas procuram o consumidor, e saem-lhe ao caminho em lugares, onde previamente o consumo do álcool não era admitido. Há todas as indicações de que a proibição não sómente falhou completamente como medida de intensificação da sobriedade, mas antes teve um efeito perfeitamente contrário.

Em Janeiro último o bureau central de estatísticas da Noruega coligiu um número de declarações de chefes de polícia, médicos oficiais, autoridades superiores administrativas, etc., e a maioria dos interrogados tomou uma atitude de reprovação e até de condenação contra a proibição.

Transcrevemos abaixo algumas declarações:

Um chefe de polícia do extremo norte da Noruega diz: «Parece que a proibição teve por resultado uma mudança no sentido de aumentar o consumo das bebidas mais alcoólicas...»

Um médico do centro da Noruega escreve: «A bebida de contrabando pode ser agora adquirida em quase toda a parte; não é bebida pura, mas misturada com água, como aquaví, aguardente, etc., ou misturada em bebidas tais como limonada, cerveja, café, etc. Deste modo a quantidade consumida tornou-se muito maior e as consequências não deixaram de se manifestar. Não é raro vermos bebados especialmente pessoas novas nas ruas e nas estradas. Todos os médicos do país são de opinião que os envenenamentos alcoólicos são agora mais violentos e mais freqüentes do que antes da introdução da proibição».

Um médico num distrito rural, também do centro da Noruega, diz: «Especialmente os jovens procuram agora com mais ansiedade o álcool do que dantes, e está comprovado que agora têm mais bebidas licorosas do que dantes».

A política inglesa na China

As novas propostas não modificaram o estado de coisas

Ao mesmo tempo que enviam constantes reforços para a China, os britânicos procuram negociar com os nacionalistas, de modo a não perderem tudo. Assim, o enviado diplomático da Inglaterra apresentou novas propostas que andam sendo discutidas com o governo de Cantão. Não se conhece, pormenoradamente o conteúdo dessas propostas.

Julgava-se, porém, nos círculos bem informados, onde os jornais vão beber, que a Inglaterra propõe que as suas concessões em Hankéu e Tien-Tsi sejam transformadas em concessões internacionais, embora a administração política da China. As concessões de Hankéu e Tien-Tsi deveriam ser restituídas à Inglaterra até fecho das negociações, não cessando, entretanto, o envio de tropas.

O governo inglês não quer abandonar as suas concessões, nem renunciar à extraterritorialidade, mas transige em negociar reformas.

Hankéu é o eixo das intrigas britânicas. Encontrando-se isolada completamente, a Inglaterra pretende um estatuto que possa ligar as outras potências à sua sorte. As propostas inglesas visam à defesa dos interesses comerciais do império sem a renúncia de um só dos seus privilégios.

Quanto às concessões em outros pontos da China, o governo britânico negociaria com os "outros" governos chineses.

A política inglesa continua fazendo um jogo muito complicado. Procura atrair a si as outras potências, a-pesar de rivais; procura reconhecer, a um tempo, o governo de Cantão e o governo de Pequim, assim alimentando a guerra civil e dividindo o país.

Um resultado que já se espera

LONDRES, 2.—Confirma-se que Eugenio Chen, ministro dos Estrangeiros do governo de Cantão, interrompeu as negociações com o sr. Malley, recusando-se a assinar qualquer acordo enquanto a Inglaterra tiver forças militares concentradas em Xan-

Um bando de renegados

assaltou a Casa Sindical do Funchal

Notícias chegadas do Funchal dizem-nos que foi assaltada a Casa Sindical onde estavam instaladas as associações operárias e o jornal *A Batalha*. O assalto foi levado a efeito por um bando de renegados e velhos como se pode inferir dos trechos de um manifesto, distribuído no Funchal, que temos em nosso poder e que explica o caso:

"Operários honrados do Funchal:—A vosso Casa Sindical acaba de ser assaltada, ignobilmente, por um bando de suspeitos operários mancomunados como a «troupe» do Sergio composta de vendilhões e trapaceiros, mascarada de todas as ignominias e «chantages». E falso que tão abominável acto tenha em vista a reorganização das classes operárias! O lito único é apoderarem-se do jornal *A Batalha*, lido defensor dos vossos direitos e tenaz paladino das vítimas dos homens, para transformar-lhe a linha de séria conduta e fazê-lo à sua cor de «vigarista» tenebrosa! — Operários honrados e povo faminto:—*A Batalha* é sómente vossa e nunca de pulhas e intrusos! Por esse insofismável direito sois obrigados a pugnar em todos os redutos até ao completo exterminio dessa ingloriosa cípria, tremenda injúria das classes operárias de Madeira! Essa escoria que tão injuriuosamente macinha o portal da vossa Casa Sindical num golpe de traição inconcebível, deve ser amarrada e esmagada no esterco que das suas podridões ambiciosas! Violaram o vosso único domínio tal qual um bando de piratas assalta e viola um navio indefeso em pleno mar!"

Juridicamente cometem o mais infame atropelo da lei a quem têm que dar sérias e pesadas contas.

Desse acto violento não tiveram conhecimento nem foram ouvidos os legítimos representantes das associações operárias todas legalizadas e com estatutos aprovados pelo governo da república. Um arbitrio sem nome e suja vilania sem precedente que desonra todas as páginas da galharda história do operário funchalense... Consumado o acto, o bando vai à cata do operário tanqueiro João Luís de Faria que é o súdario negro e porco da fatal derrocada que sofreu a organização operária, e todos num sarcástico riso de falsa vitória vão ao palácio de S. Lourenço em busca do sr. Governador Civil a quem narrarão o feito em mentirosas fórmulas de legalidade rogar-lhe depois o auxílio e intervenção de força armada para que a sua empresa não caia de seus fitos renegados e traiçoeiros! Debandaram radiantes! O auxílio prometido e... o sr. Governador Civil foi ludibriado!!! Sua ex.^a que naturalmente desconhece a formação e história das nossas Sindicatos julgou-se na presença de verdadeiros e legítimos representantes das classes operárias, conforme mentiu o Jornal e o Diário de Notícias, e como em tal conjuntura não podia deixar de ser, aceiou e deferiu à petição dos intrusos! Ero inaudito e grave!

Eclarecemos:—João Luís de Faria mais uma vez entrou na mascarada dos embusteiros, Vangloriando-se e afirmando-se arrendatário da Casa Sindical mentiu e torna-se inteiramente responsavel criminoso abuso que cometeu João Luís de Faria não foi nem é o arrendatário da Casa Sindical. Foi apenas e unicamente o mandatário do arrendatário que é em todos os títulos legais todas as associações operárias em conjunto ou seja a União dos Operários do Funchal!

A personalidade de João Luís de Faria em nada interfere no arrendamento da Casa Sindical. A missão de arrendatário folheada pelas classes operárias. Isto é matéria jurídica que bem ponderada e analisada coloca o intruso João Luís de Faria em situação bastante crítica e grave! Que não trem a bandido que não o vamos amarrar nos seus crimes.

E' a família operária que o vai julgar por mais este crime de traição contra as classes operárias, que deve ser o último de tantos que impunemente tem perpetrado!"

ra apreciar o voto oposto pelo presidente Hindemburgo a Herr Graf, incluído na primeira lista ministerial. Espera-se que da reunião resulte uma acção nos tribunais contra a deliberação presidencial. O monopólio dos cereais instituído durante a Grande Guerra como medida preventiva, será prorrogado, permitindo-se, no entanto, que certas firmas obtinham licenças especiais de importação.—(L.)

As impressões na Alemanha

BERLIM, 2.—Uma nota oficial do governo declara que o gabinete assume a responsabilidade das instruções dadas aos delegados alemães junto do conselho dos embaixadores e que levaram à conclusão dum acordo. Os jornais da direita observam que o gabinete do Reich tomou, na ausência dos membros nacionalistas, as decisões relativas às fortificações da Prússia, sendo portanto os nacionalistas irresponsáveis por aquela decisão.—(L.)

A opinião oficial francesa

PARIS, 2.—O sr. Briand vai notificar à Alemanha as decisões tomadas pela conferência dos embaixadores, a fim de serem apreciadas pelo gabinete do Reich. Os círculos oficiais exprimem a maior satisfação pelos resultados das negociações da Prússia, sendo o percurso feito em seis horas.—(L.)

O imperador abandonado...

BERLIM, 2.—Foi hoje liquidado com o cheque de 250 mil libras o segundo pagamento do governo da Prússia ao ex-kaiser.

— Com a presença dos ministros das finanças conte Volpi, e do trabalho Baluzze, e do governador de Roma foi inaugurada esta manhã a nova linha aérea regular Roma-Viena, sendo o percurso feito em seis horas.—(L.)

O éra do fascismo

ROMA, 2.—Realizou-se ontem a primeira audiência do tribunal especial para julgamento dos autores de crimes contra o estado e seus altos representantes. Presidiu o general Sanna, sendo condenados em nove meses de prisão dois indivíduos acusados de fazer apologia do atentado de Luiz contra Mussolini.—(L.)

Uma manifestação exaltada...

BERLIM, 2.—Deram-se graves manifestações contra a Itália e Mussolini, sendo efectuadas numerosas prisões, entre elas a do chefe separatista alemão Waldin.—(L.)

O mundo burguês

BERLIM, 2.—A política alemã

— O mundo burguês

— O mundo burguês